

RESENHA

## O Cristo do Islã

O livro *O Jesus Muçulmano*, recentemente lançado pela Imago, organizado, editado e compilado por Tarif Khalidi, respeitada autoridade em Islamismo, é instigante e fecundo para reflexões históricas e atuais.

Quando o profeta Maomé proclamou sua mensagem aos povos do Oriente médio, o Cristianismo já era uma tradição de 600 anos. Mas, conta Paul Johnson que muitos dos que se converteram à nova doutrina foram recrutados entre cristãos não-ortodoxos daquelas paragens orientais, que jamais puderam aceitar os rumos da Igreja Romana. (JOHNSON, 2001)

Sabe-se que durante os primeiros séculos de Cristianismo, as interpretações a respeito da figura de Jesus eram várias, tendo demorado muito tempo e custado muitas lutas (e violentas) para que o que é hoje reconhecido como ortodoxia se impor às demais interpretações, acabando por suprimi-las todas.

Eusébio de Cesaréia, em sua *História Eclesiástica*, escrita em torno de 325, menciona mais de 20 posições diversas dos primeiros três séculos, posições que foram chamadas de heréticas, em confronto com a que prevaleceu na Igreja, aliás selada que foi esta pela autoridade de Constantino, o Imperador que fez do Cristianismo a religião oficial do Estado Romano. Foi Constantino que incumbiu Eusébio de fazer a narração desta primeira história do Cristianismo, coroando-a com a sua imperial adesão a Cristo. *“A ortodoxia era apenas uma das várias formas de cristianismo, durante o século III, e pode só ter se tornado dominante no tempo de Eusébio.”* (JOHNSON, 2001: 69)

Entre os muitos motivos de polêmica, estava a questão da humanidade e/ou divindade de Jesus e, portanto, aquilo que viria a se tornar o dogma da Santíssima Trindade. Nesse campo, houve desde os que consideravam, como os docetistas, Jesus um puro espírito, andando sobre a Terra, sem encarnar-se num corpo como o nosso, negando assim que ele

fosse um homem comum e tivesse sofrido as dores da cruz, aos que aceitavam, como os arianos, apenas o seu aspecto humano, recusando que ele fosse a encarnação do Deus único, que os judeus já adoravam.

A vitória coube à posição intermediária, aquela que concebia Jesus como homem e como Deus, envolvendo-o no mistério da Trindade, constituindo-se esta o núcleo da fé cristã, em que Deus é, ao mesmo tempo, uno e trino, nas pessoas do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Deve-se, entretanto, mencionar que, entre os *heréticos*, que acreditavam num Jesus não-divino, a reverência pelo seu nome e a aceitação de sua mensagem não eram menores que entre os *ortodoxos*:

*“Segundo estes (os arianos), Jesus era um indivíduo que atingiu uma tal perfeição moral, que Deus o havia adotado como Seu Filho e o havia sacrificado para salvar a humanidade do pecado, ressuscitado dos mortos e o elevado ao estado de ser divino. Pela sublimidade de sua realização, ele havia se tornado um modelo para o comportamento humano.”* (RUBENSTEIN, 2001: 26)

Uma das causas da resistência em aceitar a encarnação da Divindade estava no rígido monoteísmo herdado da influência judaica e na idéia de que a Trindade seria uma acomodação disfarçada com o politeísmo. Até hoje, um judeu como Rubenstein revela sua fascinação por Jesus, mas não adere à teoria da encarnação divina e escreve um livro para resgatar o arianismo. Quanto aos árabes, diz Khalidi que: *“...não é nenhum exagero dizer que o espectro do politeísmo é uma obsessão no Corão”*. (KHALIDI, 2001: 22)

O livro de Khalidi vem nos revelar, a nós ocidentais, que a tradição de um Jesus humano — mas enviado e profeta de Deus, modelo ético e objeto de extrema devoção — asilou-se no chamado Evangelho muçulmano, fazendo ver que a relação entre cristãos e islâmicos é muito mais íntima e antiga do que às vezes se supõe. Explica o autor que:

*“O Jesus corâmico resulta da tradição cristã ‘ortodoxa’ e canônica, assim como da não ortodoxa e apócrifa. Daí em diante, porém, ele assume uma vida e função próprias, como muitas vezes acontece quando uma tradição religiosa emana de outra.”* (KHALIDI, 2001: 26)

A obra compõe-se de um interessante estudo de Khalidi a respeito da abordagem islâmica do Cristo e de mais de 300 provérbios e histórias colhidos de diversas fontes na literatura muçulmana, onde Jesus aparece como figura central.

É verdade que este Jesus está longe de se apresentar de forma homogênea e coerente, pois que emerge nestes trechos de diferentes correntes e épocas do Islã. Ora, revela-se na tradição radicalmente asceta dos sufis, ora mostra-se quietista, ora tende para a crítica social e política. Mas sempre é um Jesus humano, com quem Deus fala, por quem Deus se manifesta; sempre uma autoridade incontestável. Em numerosas passagens, os interlocutores se dirigem a ele, como *“Verbo e Espírito de Deus”*.

Este título é apenas uma das inegáveis ressonâncias dos Evangelhos canônicos — o Cristo misericordioso, que ensina o amor e o perdão, o Cristo médico, que cura o corpo e a alma, o Cristo de uma humanidade sobre-humana permeia esses provérbios e histórias árabes. Diz Khalidi:

*“Em sua totalidade, este evangelho é a história de um caso de amor entre o Islã e Jesus, e portanto um registro sem igual de como uma religião mundial optou por adotar a figura central de outra, vindo a reconhecê-la como constitutiva de sua própria identidade.”* (KHALIDI, 2001:15)

O sufismo sobretudo — talvez uma das correntes islâmicas mais afins com o Cristianismo, apesar de seu ascetismo às vezes exagerado (aliás como certo ascetismo presente também entre nós) — soube captar o mesmo Jesus de muitos santos cristãos. Explica o autor de maneira apropriada:

*“Visivelmente, o galho místico e muitas vezes metanômico de qualquer árvore de religião é o que mais intimamente se entrelaça com o galho semelhante de uma árvore vizinha. Por isso, no contexto judaico-cristão-muçulmano, a identidade religiosa de um trecho místico selecionado ao acaso muitas vezes não pode ser localizada. O Jesus do sufismo islâmico tornou-se uma figura não facilmente distinguível do Jesus dos Evangelhos.”* (KHALIDI, 2001: 49)

Porém, mesmo quando outras correntes, que não a sufi, o invocam para fortalecer argumentos polêmicos dentro do próprio Islamismo, apesar de este Jesus nos parecer menos familiar e mais dissonante das tradições ocidentais, ainda espanta o fato de que ele é posto como inquestionável autoridade, apto a referendar as mais opostas posições.

O que ressalta da leitura desta obra é que Cristo transcende culturas, vai além das fronteiras das igrejas, porque sua mensagem, de uma forma ou de outra, alcançou em cheio o coração humano e isso porque ele bem sabia o que havia nesse coração. Atribui Khalidi a Jesus os adjetivos de meta-histórico e metarreligioso. E isso nos remete à necessidade tão urgente de abolirmos fanatismos intransponíveis entre religiões e doutrinas — o que não pode ser feito com um mero discurso de respeito às diferenças, mas com o conhecimento e o sentimento de que há muitas semelhanças entre os diferentes e de que a verdade pode ser vista sob vários prismas.

### **Referências bibliográficas**

CESARÉIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*. Rio de Janeiro, CPEAD, 2000.

JOHNSON, Paul. *História do Cristianismo*. Rio de Janeiro, Imago, 2001.

KHALIDI, Tarif (org.) *O Jesus Muçulmano*. Rio de Janeiro, Imago, 2001.

RUBENSTEIN, Richard E. *Le jour où Jesus devint Dieu*. Paris, La Découverte, 2001.